

O Parangolé, NovaMente

Iago V. Ribeiro da Silva¹

Resumo: O sentido que ganha o conceito de *Parangolé*, do artista plástico Hélio Oiticica, em sua apropriação pela Nova Psicanálise. Partimos das formulações originais do artista, nas quais sondamos quais virtualidades conceituais são aproveitadas nessa mobilização. Em seguida, fazemos uma análise e exposição de pontos-chave da obra de MD Magno, nas quais acompanhamos o modo como se dá a apropriação abstrata que servirá para explicitar raciocínios importantes da *Gnômica* e da *Clínica*.

Palavras-chave parangolé; Hélio Oiticica; Nova Psicanálise

Abstract A brief summary of the sense gained by the concept of Parangolé, by the artist Hélio Oiticica, in its appropriation by New Psychoanalysis. We begin with the artist's original formulations, in which we investigate the conceptual virtualities that are seized in this application. Then, we depict the key points of the work of MD Magno in which we follow how this abstracting appropriation occurs and how they serve to explain important points of the "Gnômica" and Clinic.

Keywords parangolé; Hélio Oiticica; New Psychoanalysis

*Agradecimentos especiais a
Ana C. Albuquerque, Clare Isabella Paine,
Gisêlda Lobato, Patrícia Netto e Sônia Nassim*

1. Clínica como parangolagem

É interessante acompanhar, na obra de MD Magno, as operações de aproveitamento de materiais variados de outros campos para seu uso psicanalítico – neurociências, cosmologia, física etc. Sem nenhum

¹ Graduado em Filosofia (UFRRJ). Formação em Psicanálise (NovaMente/RJ).
iago.vribeiro@gmail.com

exclusivismo nisso – o cardápio é extenso e variado –, parte interessante desse esforço é dedicado a produções brasileiras. Isso é expressão de um dos movimentos interessantes do seu pensamento: a assunção e evidenciação das vantagens da singularidade de uma *sintomática brasileira*, a qual ganharia expressão em algumas dessas produções. Trata-se de colocar em uso os materiais locais no que eles põem de útil e/ou original em termos de pensamento, funcionalidades. Este é um modo entender a entrada do conceito de *Parangolé*, do artista plástico Hélio Oiticica, no arsenal conceitual da Nova Psicanálise.

Magno não propriamente o adota ou adere a ele, mas captura e instrumentaliza aquilo que nele lhe serve. Habilita, assim, um novo uso teórico e clínico. Na formulação mais genérica dada por MD – que se aproxima daquelas dadas pelo próprio Hélio em seus textos, mas em chave muito mais abstrata –, o *Parangolé* é descrito como *uma formação² qualquer que, quando presente, faz algo aparecer, ganhar expressão*. Se em Hélio isto se dá de modo talvez mais vistoso, sensorial, ligado a uma forma de arte específica, por outro lado, na sua apropriação pela Nova Psicanálise – que, distintamente do caso dele, conta com um aparato teórico mais definido e rigoroso – o conceito, porque é abstraído, servirá, analogicamente, para abordar uma variedade mais ampla de fenômenos em diversos níveis de articulação.

2 Na Nova Psicanálise, o conceito de *formação* é um modo genérico de abordagem do que quer que se possa discernir aqui e agora, em qualquer nível de articulação. Pensar em termos de formações é pensar em regime de homogeneidade e sem demarcações rígidas, ou seja: não há nem objetos nem sujeitos, não há distinções do tipo natureza/cultura, e não é possível delimitar, como fronteiras, os limites exatos de uma formação.

Veremos como, na Nova Psicanálise, o Parangolé se torna um conceito com repercussão abrangente. Ele dificilmente não vem à tona, ainda que sem que se mencione o nome, quando se fala da *Gnômica*³ ou quando se fala da *Clínica*⁴. Aliás, aquilo que o conceito articula é mesmo um explicitador de links fundamentais entre o que diz respeito, nesta teoria, à ordem do conhecimento e ao exercício propriamente analítico. Podemos dizer: *o conceito de Parangolé é um Parangolé da transa entre Gnômica e Clínica.*

Primeiro, tentaremos sacar o que já estava em Hélio, o que ele já havia desenvolvido e formulado, ou então apenas sugerido. Em seguida, acompanharemos o que Magno extrai dali e como ressitua, e também o trabalho original que investe sobre o conceito. Queremos sacar, nesse percurso, o sentido gnômico do Parangolé e em que sentido a Clínica será definida como *Parangolagem*.

2. Parangolé Oiticica

O termo “parangolé” tem muitos sentidos. Vem, por exemplo, na expressão “qual é o parangolé?”, significando algo como “qual é a boa?” ou “o que tá rolando?”. Também pode querer dizer “conversa fiada”, sem sentido. Pode ser usada para se referir indistintamente a qualquer coisa

3 A teoria do conhecimento da Nova Psicanálise. Dispensa qualquer vontade epistemológica, isto é, de demarcação daquilo que é ou não conhecimento válido. Em vez disso, encarece uma postura de acolhimento, consentânea com a Clínica, e que é muito bem sintetizada na máxima “*o que quer que se diga é da ordem do conhecimento*”. Cf. MAGNO, MD. *Ad Rem*: primeira introdução à gnômica ou metapsicologia do conhecimento, 2014.

4 No sentido amplo que ganha na Nova Psicanálise como *Clínica Geral*. A mobilização dos dispositivos da psicanálise para abordagem e acompanhamentos de fenômenos em qualquer nível de articulação

(como “bagulho” ou “treco”). E eventualmente tem sentidos mais específicos, servindo como apelido de alguma droga ou do sexo oral.

Parangolé foi o nome que Hélio Oiticica usou para se referir tanto a uma série de produções suas que vai desde o ano de 1964 até o fim da sua vida, em 1980, quanto à postura experimental ou vivencial associada. A decisão pelo nome teria se dado quando ele viu, de dentro de um ônibus, a construção chamativa de um mendigo na Praça da Bandeira, na qual se lia essa palavra⁵. O nome acabou ficando mais fortemente associado ao modelo de capa colorida e disforme conforme o qual foi produzida grande parte dos parangolés. No entanto, há também na produção do Hélio desde os parangolés estandarte até modelos mais específicos como o *Parangolé tenda* e o *Parangolé de cabeça*. Em geral, trata-se de algo com que se pode participar – seja vestindo, segurando, dançando, agindo sobre etc.

O Parangolé do Hélio Oiticica nos interessará aqui não pela sua fatura em termos de desenvolvimento de possibilidades especificamente plásticas, como ponto singular de um percurso de experimentação que vinha desde suas transas concretas e neoconcretas, na sequência dos *Metaesquemas, Relevos Espaciais, Núcleos, Penetráveis, Bólides* (“uma posição específica no desenvolvimento teórico de toda a minha

⁵ “Eram quatro postes, estacas de madeira de uns dois metros de altura, que ele fez como se fossem vértices de retângulo no chão. Era um terreno baldio, com um matinho e tinha essa clareira que o cara estacou e botou as paredes feitas de fio de barbante de cima a baixo. Bem feitíssimo. E havia um pedaço de aniagem pregado num desses barbantes, que dizia: ‘aqui é...’ e a única coisa que eu entendi, que estava escrito, era a palavra ‘Parangolé’. Aí eu disse: ‘É essa a palavra’” (OITICICA, Hélio. “A última entrevista de Hélio Oiticica. Entrevista a Jorge Guinle Filho”. In OITICICA, Hélio, 2009, p. 269).

experiência da estrutura-cor no espaço”⁶). Também não pelo que nele encarna e adianta um suposto “*ethos* tropicalista”, das misturas, do popular, da dissolução de fronteiras, que, no caso de Hélio, estaria ligada às suas transas de pensamento e corpo com a rua, com a favela, com o Morro da Mangueira, e à dimensão vivencial que sua produção assume com mais vigor naquele momento (“Na arquitetura da favela, p. ex., está implícito um caráter do *Parangolé* (...) não há passagens bruscas (...), mas o essencial de cada parte que se liga à outra em continuidade. Também feiras, casas de mendigos, decoração popular de festas juninas, religiosas, Carnaval etc.”⁷).

Interessa aquilo que, de modo mais genérico e abstrato, como lucro obtido em suas transações, podemos sacar como pensamento disponibilizado. Para esse trabalho, os textos mesmos de Hélio são bom ponto de partida, na medida em que ele era não só um experimentador, mas alguém que pensava e escrevia a respeito da própria experimentação, anotava o que via em seu percurso e tentava formular uma descrição disso. Apesar do seu brilhantismo, nem sempre – podemos hoje dizer – contou com o melhor vocabulário conceitual, e, por isso, esse movimento de leitura abstrativa inclui sacar, com uso da Nova Psicanálise, o que ali aparecia de modo insinuado, apontado ou apenas precariamente desenvolvido.

Nesses textos, duas coisas, principalmente, nos chamam atenção. A primeira delas é que a ideia de *Parangolé* prevê a dissolução daquelas

6 OITICICA, Hélio. “Bases fundamentais para uma definição do *Parangolé*”. In: PEDROSA, Adriano (org.), 2020, p. 290.

7 Ibid., p. 292.

posições relacionais que um modelo ocidental tradicional supõe demarcar: o modelo espectador/obra (que repete, de certo modo, o par sujeito/objeto da filosofia moderna). Partindo do polo que seria o ‘lado da obra’, vemos que, para Hélio, por mais que sejam utilizados “elementos pré-fabricados” (que podem ser também nomeados como “Parangolé”), o que interessa mesmo ali é aquilo que ele vai apontar como “fenômeno total”, o qual, “em primeiro lugar, se dá diretamente e não em “partes””⁸.

Vindo por outro caminho, desde o polo do dito ‘espectador’, Hélio dirá que, no Parangolé, há mesmo “uma violação do seu *estar* como “indivíduo” no mundo”⁹. É nesse sentido que, em vez desse esquema apriorístico espectador/obra, é proposto o modelo “*participador-obra*” como “núcleo principal”¹⁰ daquilo que se passa. Aquilo com que a Pessoa brinca ou dança “importa somente como detalhe” e “responde à necessidade imediata de cada obra”, ainda que tenha também efeito determinante, na medida em que ali opera uma “exigência da estrutura”¹¹, a qual condiciona parcialmente, e a cada vez, as “relações perceptivo-estruturais”¹² possíveis. Ou seja: o Parangolé, em sentido próprio, não está de um lado ou de outro de uma relação demarcável suposta, mas é um movimento que ocorre entre os polos que entram na brincadeira.

8 Ibid.

9 Idem. “Anotações sobre o *parangolé*”. In: Ibid., p. 294

10 Ibid.

11 Idem. “A dança na minha experiência”. In: Ibid., p. 296.

12 Idem. “Bases fundamentais para uma definição do *Parangolé*”. In: Ibid., p. 291.

Numa visada retroativa, já munidos do aparelho da Nova Psicanálise, podemos notar como o conceito de *Transa de Formações*¹³ situaria bem o que ele tenta descrever. Mas, sem contar com isso, Hélio nomeará como uma relação em regime de “transobjetividade”¹⁴, termo que não deixa de apontar para a evidente dimensão *trans*, mesmo que ainda baseada em alguma noção de ‘objeto’.

Isso nos leva ao segundo ponto de interesse. É que, já nas formulações de Hélio, o Parangolé aparece contendo uma dimensão de produção de conhecimento – o que já aponta para o sentido da sua apropriação pela Gnômica. Ainda em torno da ideia de que o que ali importa é um fenômeno transitivo de participação, irreduzível às demarcações que se poderia fazer previamente sobre os polos tomados de maneira isolada, ele dirá que a obra “já não é o objeto no que possuía de conhecido, mas uma relação que torna o que era conhecido um novo conhecimento”¹⁵. E vai mais além quando diz que ali comparece também “um lado poder-se-ia dizer desconhecido, que é o resto que permanece aberto à imaginação que sobre essa obra se recria”¹⁶. Tentando nos descolar do vocabulário conceitual que ele mobiliza e buscando seguir o que é apontado: naquela brincadeira, naquela transa, algo de desconhecido vem à tona. Há produção de conhecimento, explicitação de algo que não estava mostrado.

13 *Transa* é um conceito genérico que diz respeito ao modo de articulação e de vinculação entre as formações. Seus atravessamentos, suas transações, sua comunicação.

14 Ibid.

15 Ibid., p. 290.

16 Ibid., p. 290-1.

Vemos nessa breve demonstração como o Parangolé de Hélio Oiticica se presta aos raciocínios de transa (e, portanto, de dissolução de demarcações rígidas) e de uma concepção de conhecimento como trabalho de criação e como propiciação da manifestação de algo antes não explicitado no seio de uma situação. Na sequência, veremos como o Magno tira proveito dessas virtualidades do conceito do Parangolé.

3. Parangolé NovaMente

Há dois momentos-chave da apropriação do conceito de Parangolé pela Nova Psicanálise. Uma é o *Arte e Psicanálise*, seminário de 1995¹⁷. A outra é o falatório “*Arte da Fuga*”, primeira parte do falatório *Revirão 2000/2001*¹⁸.

Na sua primeira aparição, a apropriação do Parangolé será articulada na Gnômica. Surge ali como outro nome para a *Função Gnômon*, um dos conceitos fundamentais daquele dispositivo – junto do *Gnomo* e do *Gnoma*. O Gnômon é um termo filosófico e científico do qual, naquele momento, em diálogo com Michel Serres, Magno se apropria para equacionar algumas questões em torno do conhecimento. Em *Éléments d’Histoire des Sciences*¹⁹, o Gnômon aparece descrito, via Thomas Heath, como “uma coisa que permite que uma outra coisa seja conhecida, observada ou verificada”. Formulando nos termos próprios desta teoria: *uma formação que, estando presente, permite que outra formação seja conhecida*.

17 MAGNO, MD. *Arte e Psicanálise: estética e clínica geral: seminário 1995*.

18 Idem. *Revirão 2000/2001: “Arte da Fuga”; Clínica da Razão Prática*.

19 SERRES, Michel, 1997.

Não à toa, Magno chamará isso de uma ‘função’. É que qualquer formação é um possível Gnômon, qualquer formação pode, numa determinada transa, funcionar no sentido de resultar em conhecimento, isto é, de destacar ou dar discernibilidade a alguma formação. O que quer dizer também que *qualquer formação é um possível Parangolé*. Portanto, nesse sentido alargado, e dizendo respeito a uma variedade muito maior de situações para além de um tipo específico de trabalho artístico, não se trata mais de nenhum “participador-obra”. Quaisquer formações se prestam, eventualmente à função de Parangolé. É um funcionamento abstrato, algorítmico.

A opção de Magno por adotar o termo “Parangolé” tem a ver também com uma posição mais geral relativa ao estatuto do conhecimento na Gnômica. É a marcação de uma posição de distanciamento radical em relação a qualquer vontade epistemológica, ou seja, de classificação e demarcação *a priori* dos tipos de conhecimento possíveis e de seus graus de cientificidade supostos – “*a cada caso precisaremos fazer sua descrição, a tentativa de sua inclusão dentro de um estatuto*”²⁰. Na Gnômica, qualquer transa entre formações que resulte em algum tipo de conhecimento, seja qual for o Parangolé, “é tudo uma Gnose só”²¹ – da culinária à astrofísica, digamos. Daí a significância de tomar, nesse momento, um conceito produzido por um artista, e não por um cientista ou epistemólogo.

Em 1995, Magno ainda faz uma distinção entre ‘formações observantes’ e ‘formações observadas’, formulação que, depois de melhor

20 Idem. *Arte e Psicanálise*, p. 175 (grifo nosso).

21 Ibid., p. 174.

estabelecidas a Teoria das Formações e a Gnômica, perde bastante de seu sentido. É o que já vemos se colocar aqui quando ele diz que, quando há um Parangolé em jogo, essas posições “se tornam efetivamente indiferenciáveis com muita frequência”²². Isto no sentido de que “observante e observado acabam sendo um para o outro Parangolés igualmente”²³. Assim como em Hélio não se trata de um sujeito que veste o Parangolé como seu objeto, mas de um fenômeno participativo e transitivo, aqui também se trata de uma transa, sem sujeitos ou objetos. O que há são formações em jogo, sem o interesse de definir previamente quais posições devem ser ocupadas por quais componentes e quais posições têm precedência sobre quais outras. O importante é que, havendo algum Parangolé, há conhecimento como resultante – restando acompanhar e situar, a cada vez, de que ordem.

Ainda em 1995, empurrando o conceito para a última instância, Magno vai dizer que “[m]esmo o Haver²⁴ na sua totalidade – que, aliás nos veste – é o grande Parangolé do Pleroma. O Pleroma é o Grande Parangolé”²⁵. Como sabemos, Pleroma é o termo que naquele momento se refere à lógica fundamental do funcionamento do Tesão – então inscrito no Esquema Delta²⁶. Acompanhando a ideia de que com um

22 Ibid., p. 175.

23 Ibid.

24 O conceito de maior abrangência na Nova Psicanálise. É o campo aberto de quaisquer comparecimentos possíveis – isto é, das formações e suas transas –, o qual é atravessado e comovido pelo empuxo do Tesão no sentido de sua extinção. *Haver = (In)Consciente*. Cf. “A morte não é havida” in MAGNO, MD. *Pedagogia freudiana*: seminário 1992.

25 *Arte e Psicanálise*, p. 174

26 Cf. MAGNO, MD. *O sexo dos anjos: a sexualidade humana em psicanálise*.

Parangolé em jogo as posições se indiferenciam, e arriscando usar os conceitos de modo não mais tão preciso considerando os raciocínios mais recentes, vale ainda assim este quase *koan* psicanalítico: é vestindo o Haver que se produz conhecimento do Pleroma, ou é vestir o Pleroma que resulta em conhecimento do Haver?

Na “*Arte da Fuga*”, Magno faz variações em torno do conceito de Parangolé, e seu uso é ainda mais expandido. São formulados aí três conceitos derivados: a ideia de *Parangolagem*, o *Parangolé Catóptrico* e o *Parangolé Regente*.

A Parangolagem será o nome para, digamos, a situação gnômica de explicitação recíproca e generalizada que se passa, eventualmente, numa transa qualquer entre formações. Momento em que “as coisas se manifestam e aí já não sabemos mais se é essa presença que induz a manifestação, pois quando algo é tomado como Parangolé, o resto ali envolvido logo se parangoliza de uma vez”²⁷. Essa generalização leva à frente a dissolução da distinção observante/observada. Na Parangolagem, cada formação é Parangolé para as demais, que se “observam” reciprocamente, dentro de suas possibilidades e limitadas pelos seus pontos cegos – os quais, no que as formações entram numa transa parangolística, são deslocados.

Para além disso, quando nessa Parangolagem está presente uma formação capaz de Revirão, temos um Parangolé Catóptrico²⁸, ou

27 MAGNO, MD. *Revirão 2000/2001*, p. 96.

28 O termo grego *katóptron*, que tem o sentido de “espelho”, é mobilizado pela Nova Psicanálise para descrever o *Princípio de Catoptria*. Princípio do funcionamento

Enantiomórfico. É aí que se possibilita propriamente uma *consideração*: não só as formações comparecem reciprocamente umas para as outras, mas também seu avesso. Está descrita uma Parangolagem que pode contar com a intrusão de HiperDeterminação²⁹. Este é um passo singular na conceituação do Parangolé. Só mesmo por essa via de abstração do conceito original, investida desde 1995, no sentido de habilitá-lo para uma leitura dos movimentos do psiquismo, seria possível propor e precisar a ideia de um Parangolé que conta com a possibilidade de avessamento radical do que quer que compareça na Parangolagem.

É contando com esses desenvolvimentos que Magno poderá pensar propriamente a Clínica fazendo uso do Parangolé. É nesse sentido que ele criticará o nome dado por Freud à psicanálise (não apenas por achá-lo feio, mas) por dar destaque demais a apenas uma das tarefas do exercício que pretende nomear – isto é, a escuta para “entender como é a **composição** das formações apresentadas”³⁰ –, a qual não só é não é a única, mas antes (e depois) da qual se impõe ainda algo de mais fundamental: a “permanente referência à HiperDeterminação”³¹. Ele dirá até que, como nome para o exercício, “*Parangolagem*, por exemplo, é bem melhor”³². É que a Parangolagem disponibiliza para as formações,

fundamental do psiquismo na sua capacidade de avessamento radical do que quer que se ponha, isto é, capacidade de *Revirão*.

29 Indiferenciadas as oposições no nível das formações em jogo, se está na disponibilidade para o *evento* da *HiperDeterminação*, isto é, dissolução das sobredeterminações e intervenção do *novo*, de uma nova determinação que transforma o jogo.

30 Ibid., p. 108.

31 Ibid., p. 109.

32 Ibid., p. 108.

reciprocamente, transas antes não disponibilizadas, e, com isso, dissolve a pregnância das configurações – as quais contam com o recalçamento de seu contrário, seu avesso – e permite algum movimento. Na Clínica, trata-se de abrir espaço para a operação desse Parangolé Catóptrico, de “desfazer a pregnância obscura das formações em jogo (...) e revirá-las”³³.

Isto é dizer que haver IdioFormação, isto é, haver possibilidade de operação da *Função Analista*, no seio de qualquer situação, é haver, eventualmente, um Parangolé Catóptrico. “Tudo se transforma, se modifica, se significa (...) pela presença, digamos, de um certo *catalisador*”³⁴. Esse movimento de manifestação, de vir à tona, próprio do Parangolé, é levado a um outro grau. No sentido de que, havendo a possibilidade de pintar HiperDeterminação, esse vir à tona chega mesmo ao nível da possibilidade de *Criação*, propriamente: destacamento de algum indiscernível no seio do Haver³⁵.

É por esse caminho que Magno vai ler a função da fala, devido à sua presença e seu uso acentuados na Clínica psicanalítica (desde a *talking cure* e da *trip* languageira de Lacan), como a de Parangolé Regente (encarecendo, nesse momento, o sentido de “levar na conversa” que a expressão também evoca). Nesta espécie, das Idioformações do caso humano, a fala serve como formação polarizadora, com força singular, dos movimentos do Primário, Secundário e Originário – modula de forma muito peculiar esses registros devido ao modo como os

33 Ibid., p. 109.

34 Ibid., p. 96.

35 Sobre esse tema, lembramos de Nietzsche (2012): “O que é a originalidade? É *ver* algo que ainda não tem nome, não pode ser mencionado, embora se ache diante de todos. Do modo como são geralmente os homens, apenas o nome lhes torna visível uma coisa. – Os originais foram, quase sempre, os que deram nomes”.

entrelaça, e por isso teria sido eleita para *reger* “um processo de cura e entendimento”³⁶.

Já naquele momento, se marcava que, apesar dessa importância e desse peso, a língua era insuficiente para dar conta das múltiplas expressões do psiquismo. De lá para cá, avançou-se ainda mais no movimento de relativização da língua como articulador preferencial, de modo que a ideia de que ela funcionaria como Parangolé Regente na Clínica se enfraquece. Mesmo levando em conta a persistência *de facto* da fala como importante instrumento do exercício clínico – principalmente no seu sentido mais estrito, de consultório –, a *Recepção* e a *Intervenção*, tais como podem ser entendidas hoje, precisam se alargar para incluir e explicitar os demais níveis articulatórios que estão em jogo e são mobilizados nessa Parangolagem (os níveis comportamental, plástico, musical, sexual, etc.). Poderíamos dizer da Clínica, então, que se trata de tomar como Parangolé Regente, a cada momento, o que a situação pede e permite.

Este talvez seja o momento de maior importância da apropriação conceitual do Parangolé pela Nova Psicanálise. Na sequência da obra, a referência nominal ao conceito se torna esparsa, com raras aparições. Tendemos a ver esse movimento não como uma perda de importância ou abandono, mas como uma absorção bem-sucedida, pelo aparelho teórico, dos raciocínios mais importantes que o conceito articula. Estes, nos parece, foram já incorporados a conceitos mais fundamentais e genéricos

³⁶ Ibid., p. 111.

– por exemplo, aos conceitos básicos de *Transa* e de *Formação* –, e pintam eventualmente em meio a outras formulações.

Numa sessão de *SóPapos*, em 2020, respondendo a uma questão a respeito do conceito, Magno provocará: *o que não é um Parangolé?*

Referências

BASUALDO, Carlos (org.). *Tropicália: uma revolução na cultura brasileira* [1967-1972]. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

MAGNO, MD. *Ad Rem: primeira introdução à gnômica ou metapsicologia do conhecimento*. Rio de Janeiro: Novamente, 2014.

_____. *Arte e Psicanálise: estética e clínica geral: seminário 1995*. Rio de Janeiro: Novamente, 2008.

_____. *O sexo dos anjos: a sexualidade humana em psicanálise*. Rio de Janeiro: Aoutra, 1988.

_____. *Pedagogia freudiana: seminário 1992*. Rio de Janeiro: Novamente, 2010.

_____. *Revirão 2000/2001: “Arte da Fuga”; Clínica da Razão Prática*. Rio de Janeiro: Novamente, 2003.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *A gaia ciência*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

OITICICA, Hélio. “A dança na minha experiência”; “Anotações sobre o *parangolé*”; “Bases fundamentais para uma definição do *Parangolé*” in PEDROSA, Adriano (org.); TOLEDO, Tomás (org.). *Hélio Oiticica: a dança na minha experiência*. São Paulo, MASP, 2020.

_____. *Aspiro ao grande labirinto*. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

_____. “A transição da cor do quadro para o espaço e o sentido de construtividade”; “Brasil diarreira” in *Experimentar o experimental*. Lisboa: OCA, 2019.

_____. “A última entrevista de Hélio Oiticica. Entrevista a Jorge Guinle Filho”. In: OITICICA, César (org.); VIEIRA, Ingrid (org.). *Encontros: Hélio Oiticica*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2009.

SALOMÃO, Waly. *Hélio Oiticica: qual é o parangolé?* São Paulo: Companhia das Letras, 2015.